

Cidade

Soldado
comandava
assaltos
Pag. 5

A luta para salvar uma escola

Sem apoio do governo, comunidade busca empresas que adotem Ciep abandonado

Fotos de Olavo Rufino

Jacinto Ghioldi

Para evitar que o Ciep semiconstruído e abandonado há dois anos no Jacaré (Zona Norte) fosse invadido ou depredado, os líderes comunitários das oito favelas desse bairro se reuniram — numa mobilização inédita — e não foi necessário mobilizar brigadas anti-invasão ou recorrer à força. Bastou mostrar aos 200 mil moradores a importância e a necessidade de se ter uma escola na área para conseguir o respeito e o apoio de todos pela preservação do *Brizolão*.

Mas, sabendo que apenas preservar o esqueleto não seria a solução, os líderes comunitários de Jacaré resolveram agir. Sugeriram à Secretaria Municipal de Educação no dia 31 de maio a campanha *Adote um Ciep*, a exemplo da iniciativa em favor dos animais do Jardim Zoológico e das praças e parques do Rio. A campanha foi oficializada ontem pela secretaria e, para a surpresa da comunidade, o *Brizolão* de Jacaré foi excluído da lista dos que serão concluídos este ano.

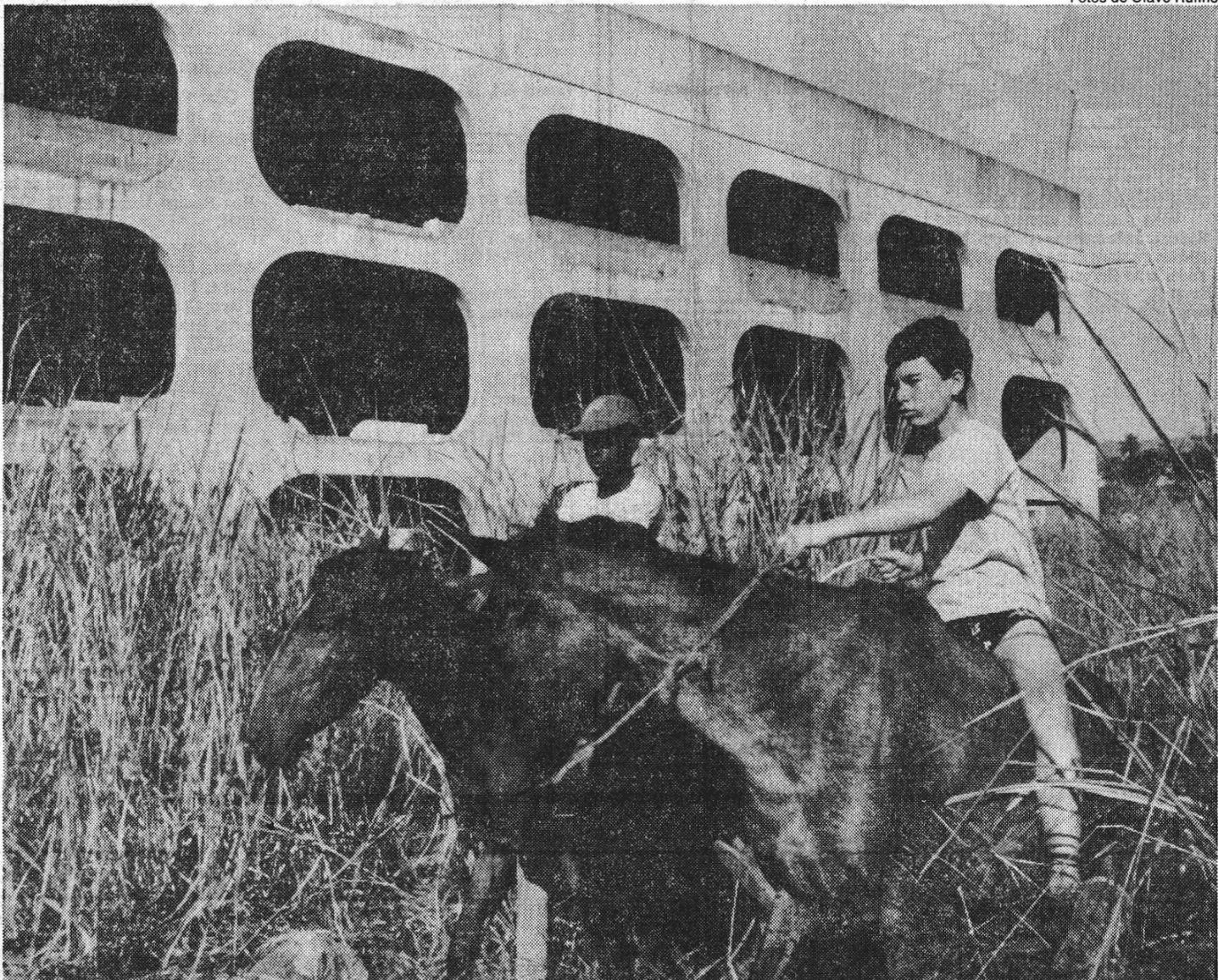
Patronos — Os líderes comunitários não se entregam ao cansaço e vão partir para a luta. De porta em porta, eles pretendem buscar patronos e recursos entre as indústrias e o comércio do bairro para terminar a obra. De acordo com o presidente da Associação dos Moradores de Jacaré, João Muniz, são cerca de 450 estabelecimentos, entre os quais algumas indústrias de porte, que poderiam se cotizar e concluir as obras. "A Prefeitura só teria o trabalho de estabelecer os incentivos fiscais e depois indicar as professoras".

Além de João Muniz, o seu diretor de Recursos Sociais, o médico Ivan Henrique Timm, a diretora da única escola do bairro, a Rio de Janeiro, Sônia Silveira, e o administrador do Posto de Saúde, Luis Fernando Lemos Guimarães, integraram a comissão que há 45 dias entregaram à Secretaria de Educação três documentos: o dossiê completo sobre o Ciep, a sugestão para o lançamento de uma campanha *Adote um Ciep* e o pedido (com projeto e planta) de construção de um centro comunitário numa praça abandonada. Esperaram uma resposta até ontem, quando ela veio através dos jornais, com a notícia de que a Prefeitura estava lançando justamente a campanha que eles haviam sugerido e que, por coincidência, os excluía.

Recreação — Ivan Henrique Timm lembrou que as obras do Ciep começaram em 1986 e chegaram a atingir metade dos trabalhos, mas foram abandonadas pelo atual governo do estado com toda a estrutura do prédio principal e da quadra de recreação já concluída. "Houve várias tentativas de ocupação porque a região é muito carente; no começo foi difícil afastar o pessoal, mas com um trabalho paciente conseguimos convencê-los de que era muito importante ter uma escola no bairro e que, no futuro, ela ficaria pronta. Mas agora, temos receio de que seja impossível conter as invasões. O pessoal está decepcionado e achando que não vai sair obra nenhuma", concluiu o presidente da associação dos moradores.

O Ciep do Jacaré ocupa uma área de 10.500 m² tomada por matagal e poças d'água. Esse terreno vem servindo de pasto para cavalos da vizinhança e de quintal para a garotada das favelas que o cerca. Os moradores dessa área são encarregados de alertar as lideranças para qualquer tentativa de ocupação. No começo, não havia necessidade dessa vigilância porque os moradores respeitavam o acordo, embora pressionados pela falta de espaço que, no Jacaré, parece já estar todo ocupado, desde os vãos dos viadutos às margens do Rio Jacaré e terrenos baldios.

Outra reivindicação dos moradores do Jacaré é a construção de um centro comunitário numa pracinha abandonada junto à única escola pública. A Associação tem um projeto pronto e aprovado e a promessa de fornecimento de material por parte dos comerciantes locais. Nessa praça, além do centro comunitário, seria construída uma quadra polivalente para uso, inclusive, da escola. Instalada numa encosta, a escola não tem área de recreação e educação física e, quase por ironia, leva o nome de Rio de Janeiro.



O terreno em volta do Ciep em Jacaré está tomado pelo matagal e serve de pasto para os cavalos



Timm continua lutando para vender o projeto de adoção do Ciep

Médico evitou invasão do prédio

Sempre empolgado, falando sem parar, mostrando planos, percorrendo vielas e becos, pulando valas negras de esgotos a céu aberto, cumprimentando moradores das favelas, abraçando crianças e parando nas bioscas para um bate-papo, Ivan Henrique Timm, vestido modestamente, parece mais um candidato às vésperas de eleição buscando votos em favelas. Parece mas não é. Médico de 53 anos, morador do Jacaré há 30 anos, praticando medicina comunitária, fundador, ex-presidente e sempre à frente da Associação dos Moradores do bairro, ele conseguiu junto à comunidade de oito favelas um acordo difícil: durante dois anos evitou-se a ocupação do Ciep inacabado sob a promessa de que ele seria concluído.

Com um trabalho paciente, de grupo em

grupo, reuniões à noite nas portas das bioscas, ele preservou o Ciep de invasões e saques. Pacificamente, retirou alguns ocupantes iniciais e afastou as tentativas. Agora, desalentado, não sabe se vai continuar mantendo o povo afastado. Ontem, Ivan Timm sentia-se um pouco magoado. Desde janeiro vinha vendendo a idéia de adoção do Ciep até que conseguiu no final de maio uma audiência com a Secretária Municipal de Educação, Mariléa da Cruz, a quem formalizou a sugestão. Não tinha recebido nenhuma resposta quando ficou sabendo pelos jornais que a Prefeitura estava lançando a campanha *Adote um Ciep*. Para ele, a sugestão não era original e nem vem ao caso reclamar autoria. Ele tinha apenas uma esperança de que seu *Brizolão* entrasse na lista dos prioritários.